

A DAMA DE BRANCO

SÉRGIO SANT'ANNA

A dama de branco

Organização e apresentação
Gustavo Pacheco



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by herdeiros de Sérgio Sant'Anna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

Bruna Prado

Preparação

Heloisa Jahn

Revisão

Camila Saraiva

Luciane H. Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Sérgio, 1941-2020

A dama de branco / Sérgio Sant'Anna ; organização e apresentação Gustavo Pacheco. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-087-9

1. Contos brasileiros I. Pacheco, Gustavo. II. Título.

21-63344

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação, 7

PARTE I

Anticonto, 13

O pregador, 15

A filha de Drácula, 18

A aparição, 26

Por que escrevo?, 29

O bordel, 33

Tarzan e o império perdido, 39

Vejo, 47

Um conto quase mínimo, 50

Le bateau ivre, 54

A moça de óculos, 61

Em preto e branco, 79

Eterno, 85

Escrito num guardanapo, 87

Noites, 90

Das memórias de uma trave de futebol em 1955, 93

A dama de branco, 99

PARTE II

Carta marcada, 105

Apresentação

“Às vezes, penso que a dama de branco é a própria morte. Sei que isso é um modo de prendê-la e logo me penitencio e sei que em outro momento pensarei outra coisa. A morte não passa de uma obsessão minha.” Essas palavras estão na narrativa que dá título a este livro — a última que Sérgio Sant’Anna publicou em vida, dez dias antes de morrer.

Nos últimos anos, com problemas de saúde e sentindo a idade chegar, Sérgio não escondia uma certa obsessão pela morte. Contudo, a pandemia deu contornos mais agudos e concretos a essa obsessão e acirrou ainda mais sua urgência criativa. Em abril de 2020, ele escreveu em seu perfil numa rede social: “Não quero assustar ninguém, mas acho a peste que nos assola simplesmente aterrorizante. Não encontro outro modo de reagir senão escrevendo”. No mês seguinte, a peste que nos assola interrompeu a vida e a obra de um escritor obcecado pelo seu ofício e que, depois de meio século de carreira, continuava em pleno domínio de seus poderes criadores.

Numa fase da vida em que muitos artistas se aposentam ou

se tornam pastiches de si mesmos, Sérgio Sant’Anna continuava produzindo com regularidade e qualidade assombrosas — nada menos que cinco títulos em menos de dez anos, o último dos quais *O anjo noturno*, publicado em 2017. Em seus livros mais recentes, evitava chamar o que escrevia de “contos”, preferindo o termo “narrativas”, que segundo ele permitia “mais liberdade de temas, abordagens, tamanhos. Textos de cinquenta páginas ou de página e meia”.

Este livro reúne todas as narrativas publicadas por Sérgio Sant’Anna depois de *O anjo noturno* — onze textos que apareceram em jornais, revistas e sites entre outubro de 2018 e maio de 2020. É importante dizer que todas as narrativas que ele publicou na imprensa (e mais tarde na internet) desde meados da década de 1970 foram depois incluídas em seus livros, praticamente sem mudanças em relação à versão original. Assim, tudo indica que esses onze textos seriam incorporados por Sérgio ao seu próximo livro.

Mas se é verdade que todas as narrativas publicadas na imprensa acabavam incluídas em seus livros, também é verdade que neles havia sempre muito material inédito; com este livro, não foi diferente. Depois da morte de Sérgio, foram encontrados em seu computador diversos arquivos com textos inéditos. Alguns deles estavam visivelmente incompletos, contendo apenas rascunhos e anotações; outros estavam claramente concluídos (por exemplo, a expressão “final” constava no título do arquivo). Outros, ainda, pareciam a meio caminho entre um esboço e um trabalho terminado. Ao organizar este livro, decidi incluir os textos com marcas de finalização e também os que me pareceram ter unidade e qualidade suficientes para atender aos rigorosos padrões do autor. Assim, foram acrescentadas mais seis narrativas inéditas, num total de dezessete textos que formam a primeira parte deste livro.

A segunda parte deste livro é a novela inacabada “Carta marcada”, que merece um comentário especial. Sérgio Sant’Anna trabalhou extensamente nessa narrativa: em outubro de 2019, ele me disse que estava escrevendo “uma novelinha”; em abril de 2020, poucas semanas antes de morrer, disse que tinha terminado a novela, “ainda sujeita a revisões”, e contou que já tinha até vendido os direitos de adaptação para o cinema. A versão mais recente encontrada em seu computador mostra que, de fato, Sérgio ainda pretendia fazer algumas revisões, como provam diversas anotações e comentários em negrito inseridos ao longo do arquivo. Além disso, há algumas inconsistências no texto, em particular uma nítida clivagem entre o terço inicial e os dois terços finais da novela. A narrativa começa na Belo Horizonte do final da década de 1960 e faz referência a questões próprias daquela época, como a ditadura militar; mais adiante, a história passa abruptamente para o Rio de Janeiro dos dias de hoje, com elementos contemporâneos como celulares, aplicativos etc. Os personagens são os mesmos, mas não há qualquer sinal de que tenham envelhecido, nem indicação alguma de passagem do tempo. Esse cavalo de pau narrativo sem maiores explicações provavelmente não surpreenderia o leitor se aparecesse numa novela de César Aira (escritor argentino que o autor admirava e que traduziu dois de seus livros para o espanhol), mas é algo um tanto inusitado em se tratando da obra de Sérgio Sant’Anna. É muito provável que, numa revisão final, ele removesse essas inconsistências. De qualquer forma, está claro que Sérgio tinha muito apreço pela novela e considerava que todos os seus elementos básicos já estavam presentes. Assim, diante da escolha entre não publicar o texto inacabado ou publicá-lo mesmo com suas eventuais imperfeições, optou-se pela segunda alternativa, no entendimento de que tais imperfeições são bem menores que os seus méritos.

Como é fácil notar, há muitos temas e ideias recorrentes

neste livro: a insignificância do homem diante do universo, a devoção pela arte e pelos grandes artistas conceituais como Marcel Duchamp e Erik Satie, a paixão pelo futebol, as jornadas pelo imenso continente da memória, o sexo naquilo que ele tem de mais cru e de mais sublime, a angústia diante da morte. São temas e ideias que atravessam toda a obra de Sérgio e, nesse sentido, este livro pode ser entendido como uma espécie de suma ou síntese final daquilo que o fascinava e o impelia a escrever. Em outras palavras, o que o leitor encontrará aqui é uma figura central e incontornável da literatura brasileira revisitando suas principais obsessões — e, infelizmente para nós, pela última vez.

Em uma das últimas postagens em seu perfil numa rede social, Sérgio sentenciava: “O Brasil é um filme de terror”. Nesse filme, os mortos na pandemia do coronavírus contam-se em centenas de milhares, e entre eles um dos maiores escritores brasileiros — que, numa das narrativas deste livro, escreveu: “uma esperança insensata me faz querer crer que depois da morte prosseguirei nesse sonho, embora saiba que o sentimento do amor só pode ser tão intenso e urgente porque temos a certeza de morrer um dia”.

Gustavo Pacheco
fevereiro de 2021